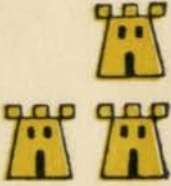


Annibal Soares



Chronica

do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"



Faint, illegible text or markings on the left side of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adeantado	Anno	Fr. 14
	Semestre	7.50
	Numero avulso	0.30

SUMMARIO :

A intervenção estrangeira e o que d'ella se pensa em Portugal.

O chamado "messianismo" nacional : Paiva Couceiro, os "cá de fóra", as Potencias...

A sociedade onde a gente se diverte.

ANTE a manifesta impossibilidade de viver, em que o regimen se encontra, os republicanos dizem a quem quer ouvil-os que prefeririam mil vezes a intervenção estrangeira á restauração das nossas tradicionaes instituições monarchicas. O que é comprehensibilissimo, dado que se explica por tres razões.

Em primeiro logar porque n'essa gente, como em todos os sectarios, as conveniencias da seita prevalecem aos interesses mais puros e mais sagrados; os odios, as represalias, as vindictas da purria demagogica asphyxiam todas as outras aspirações e affectos, ainda mesmo aquelles que teem um objectivo mais concreto e mais proximo do que a Patria, chegando a varrer de taes almas sentimentos que mesmo só rudimentarmente caracterisam a humanidade.

Abundam nas cadeias de Portugal os prisioneiros denunciados pelo zelo jacobino de parentes seus. Um individuo chamado Alfredo de Magalhães, que é lente de medicina e que tem sido n'este regimen governador civil, director de cadeias, governador de Moçambique, declarou textualmente da tribuna d'um comicio que « pela Republica era capaz de matar seu proprio pae ». Commentam alguns que com isso não se perdia nada, pois dizem que o pae ainda é peor do que elle. Mas na

verdade, que duvida poderia ter o scelerado que profere esta monstruosidade, ou a abjecta e criminosa canalha que a ouviu e applaudiu, em assassinar não já o pae mas a patria, se assim lh'o ordenasse o seu rancor, que é, com a cupidez impudica, o sentimento que domina e commanda toda a conducta de similhante cambada?

Em segundo logar, entende-se muito bem que os interesses do paiz, os mais elevados e vitaes, até o da sua autonomia, sejam inteiramente indifferentes a uma Republica que pela sua parte não é mais de que subserviente mandatária d'uma organização internacional, á qual a memoria dos Gamas e Albuquerque, *os padrões das nossas glorias* e a sorte do desditoso portuguez d'esta geração importam tanto, como me importa a mim o que a esta hora se está passando pelos valles e montanhas do planeta Saturno.

Por muito que estejamos habituados ao proverbial impudor dos nossos demagogos, não se pode deixar de experimentar certa estranheza perante o despejado cynismo com que elles accusam a Monarchia, por exemplo, de se deixar subjugar e dirigir por uma sociedade *alheia ao Estado e á nação*, a Companhia de Jesus. Isto é, antes de tudo, uma pachochada de marca maior, pois toda a gente sabe que em Portugal não havia senão um numero insignificante de jesuitas, e que a Companhia de Jesus não exerce hoje a menor intervenção no governo de paiz algum — nem até d'aquelles onde os seus proselytos vivem legal e livremente e se contam por muitos milhares.

Porém mesmo quando, em seculos anteriores, essa sociedade religiosa teve poderio politico, sempre o usou d'uma forma indirecta, não das cadeiras do governo, mas por meio de suggestões e influencias sobre os imperantes ou os seus ministros; ao passo que uma outra sociedade estrangeira, a Maçonaria, *fez ella propria* — segundo já foi confessado em publico — o regimen que actualmente está arruinando e desgraçando a nação portugueza e cujos ostensivos dirigentes não são na realidade mais do que fantoches, a quem

puxam pelos cordellinhos uns matutos que aqui de Paris e d'outros centros maçonicos vão seguindo com uma curiosidade egoista e... scientifica essa tremenda e mortal experiencia sociologica *in anima vili* !...

Se é nas unhas d'estes sujeitos que Portugal effectivamente está cahido, que abalo lhes pode dar a perda d'um paiz que não é o seu ou que respeito lhes mereceria o orgulho patriotico d'um rebanho de subditos, que para elles não valem mais do que para o sabio as cobaias enjauladas no seu laboratorio?

Finalmente, percebe-se á maravilha que a infima e odiosa minoria que está ha mais de dois annos affrontando, provocando, tyrannisando e submettendo ás mais cruciantes torturas uma sociedade inteira, sinta um certo calafrio pela espinha quando, ao medir a inanidade da sua obra, ao reconhecer como é insustentavel a sua posição, pensa na eventualidade de que amanhã o paiz retome posse de si mesmo e ponha em dia as contas d'este negro periodo de tormentos e ignominias. Essa malta de faccinoras tem a consciencia cheia de crimes os mais abominaveis, e sabe que na hora em que a nação fôr libertada não ha governo algum, por mais prudente, por mais moderado e por mais apercebido, que consiga evitar a immediata expiação de uma grande parte d'essas culpas terriveis e jamais esquecidas. Que não fariam elles para fugir á temerosa tempestade que teem provocado, ao *dies irae* d'uma nação em revolta?...

Simplesmente, a queda da Republica não se effectuará como aos republicanos aprouver, mas como a tiverem preparado os amigos da Patria, ou como vierem a determinál-a as imprevistas circumstancias. A Republica, quando attingida pelo golpe que houver d'aniquillal-a, não terá vagar de fazer, como desejaria, o seu testamento, desherdando os portuguezes para deixar o paiz ao estrangeiro.

Não são portanto as disposições dos republicanos a tal respeito, as suas preferencias ou as suas desvergonhadas fanfarronices que teem que nos preoccupar. Quando os republicanos se sentirem perdidos, não

lhes fica tempo para escolher entre a restauração da Monarchia e a administração estrangeira : todo lhes ha de ser pouco para tosquiar d'afogadilho as barbas e procurar anciosamente os caminhos da fronteira...



Mas parece que, fóra da reduzida seita republicana, não falta em Portugal quem se tenha habituado a ver na intervenção do estrangeiro uma solução, não inteiramente detestavel, da nossa terrivel crise nacional. Diz-se mesmo que é essa uma ideia muito generalisada no espirito publico, e que, se ninguem trabalha por ella, tambem não ha muito quem lhe opponha uma reluctancia decidida.

Este modo de sentir — deve-se dizel-o — encontra uma explicação que não seria licito esquecer, nas tremendas condições que a Republica creou em Portugal, não já á vida social sómente, mas á propria existencia dos individuos.

Não é apenas a ruina moral e material da nação, calamidade cujas repercussões, por si só, na vida dos cidadãos seriam já tremendas, mas d'effeitos mais lentos e por isso menos promptamente sensiveis ; é a existencia dos particulares que se tornou insupportavel sob um regimen incompativel com a paz publica e com as mais elementares garantias civicas, e onde o mais alheio ás contendadas politicas não póde contar nem com a sua fazenda, nem com a sua liberdade, nem com a sua vida, tudo isto se encontrando, como encontra, á mercê da denuncia malevola d'um inimigo ou dos instinctos execraveis das turbas carbonarias. E a este mal-estar, a este desassocego, a este referver d'odios, que tornam a vida em Portugal um pesadello, ha que accrescentar as difficuldades materiaes da existencia n'um paiz onde a vida é de cada vez mais cara, e as receitas individuaes, sendo de cada vez menores, se encontram ainda crescentemente absorvidas pelas exigencias d'um fisco que não sabe mais como encher a

guella da vadiagem a que a Republica outorgou, desde o seu advento, as mais desmesuradas fatias.

De situações taes não se sáe senão pela revolução ; e a revolução difficilmente vinga sem o concurso do exercito.

Ora este paiz extenuado pela miseria, opprimido pela tyrannia mais vexatoria e mais sordida, sabe-se atraído pelo exercito. Perante esta catastrophe mais espantosa que todas as que teem assaltado Portugal no curso da sua historia, os portuguezes verificam que tanto os seus direitos individuaes como a propria existencia da Patria se encontram sem defesa, desde que os seus naturaes defensores, uns se bandearam com a criminosa corja que nos esmaga e outros guardam na bainha o gladio virginal, que tendo sido forjado para conter o impeto dos exercitos alheics não ousa sequer defrontar-se com a tropa fandanga do carbonarismo nacional.

Como succede em todas as collectividades humanas lançadas em anarchia, dominadas, envilecidas, desviadas pelo terror demagogico, o paiz, em nome dos instinctos profundos de conservação social que n'elle despertam, procura anciosamente um Poder capaz de restaurar a auctoridade, de fazer a ordem, d'impôr a lei ; não encontrando essa força intra-fronteiras, em vista da defecção e da incapacidade moral do exercito, não admira muito que o desespero d'um grande numero o leve a encarar como um remedio a intervenção d'uma força estranha.



Este grito do instincto corresponde a uma eterna verdade sociologica : é que todas as situações anarchicas, como a actual situação portugueza, acabam pela imposição d'um governo d'auctoridade ; e que quando esse governo não póde surgir do seio da propria sociedade anarchisada, então é inevitavel que venha d'um poder alheio a ella. Mas a fórma de intervenção que alguns em Portugal consideram hoje sup-

portavel, para não dizer desejavel, só teria podido produzir-se ha mais d'um seculo, quando o poder real estava no seu fastigio, as côrtes europeias abarrotavam de principes anciosos por um throno e os Monarchas absolutos, entregando a um membro da sua familia o sceptro d'uma nação alheia, a tornavam assim n'uma especie d'Estado vassallo, devotado ao serviço da pessoa do suzerano e do seu paiz.

Então sim, qualquer poderoso imperante teria interesse em derrubar a republiqueta alfacinha e, usurpando ao seu legitimo titular o throno portuguez, fundar ali uma dynastia nova, que com o correr dos tempos poderia ir identificando-se com a nação e acabar por a representar dignamente.

Porém, por um lado as condições da politica internacional de hoje não permitem uma intervenção sobre essas bases, e por outro lado as condições particulares de Portugal a não provocam. Portugal nem é bastante insignificante para que um paiz, qualquer que seja, possa lá ir dentro pôr um Rei por seu proprio alvedrio, sem consentimento dos outros, nem bastante poderoso para que valha a pena a alguém procurar contrahir com elle uma alliança dynastica; nem tambem as suas dissensões civis influem no problema europeu de maneira a constituir as potencias na necessidade de ali irem resolver a questão da sua politica interna, como tem acontecido em certos povos do Oriente.

Para os governos europeus *que poderiam intervir*, o problema portuguez não é o de Monarchia ou de Republica: é o problema colonial. Mas esse resolvem-no elles quando lhes parecer opportuno — e as opportu- nidades com a Republica não lhes faltam — sem neces- sidade d'interferirem na politica do continente.

Liquidadas as colonias, a intervenção nos nossos negocios internos só se dará, verosimilmente, quando o nosso estado d'anarchia fôr completo e escandaloso. Esse momento chegará sem duvida; porém illudem-se redondamente os que em tal facto querem vêr a possi- bilidade d'um allivio, seja para as condições geraes do

paiz seja para as de cada cidadão portugez em particular. A intervenção do estrangeiro, se se fizer, será em proveito do estrangeiro e não por amor dos portuguezes.

O exercito ha de ser evidentemente o primeiro sacrificado, pela propria natureza das coisas, e assim, os que hoje se submettem a todas as degradações e a todas as humilhações para evitarem o risco de ver desaparecer n'um lance supremo os seus quarenta ou cincoenta mil reis mensaes, caminham d'olhos fechados para a perda certa e inevitavel d'isso mesmo, e mais da honra. Mas o jubilo legitimo que o paiz havia de ter em assistir a essa catastrophe parcial, que seria o justo castigo da mais negra traição de que resa a historia portugueza, não o compensaria das ruinas, dos males tremendos que a intervenção estrangeira implica — para não falarmos sequer no pungentissimo golpe vibrado ao nosso orgulho e ao nosso amor patriotico, o que não sei se são sentimentos que importem ainda á generalidade dos portuguezes.



É o nosso averiguado *messianismo* um dos factores que mais fortemente contribuem, tambem, para este estado d'espírito de muitos portuguezes, que todas as noites se deitam na esperança de que na manhã seguinte *as Potencias* lhe tenham tirado a Republica de cima do peito, onde ella carrega como um pesadello, e repostos os negocios publicos dentro dos seus eixos.

No fundo, isto de *messianismo* não é mais do que uma designação litteraria e aphilosophada da indolencia, da passividade, da falta d'espontaneidade e d'iniciativa do bom do portugez. E' menos um pendor para o mysticismo do que um caso de preguiça e tambem de cobardia collectivas. Chamemos-lhe antes assim, pelo seu nome, do que pelo de *messianismo*, á sombra do qual o nosso compatriota, sobre o não cumprir nenhum dos seus deveres nem para com a humanidade, nem para com o paiz, nem para com a

sua classe, nem para com a memoria dos seus antepassados e o futuro dos seus filhos, ainda por cima se dá uns ares romanescos, pretendendo passar aos olhos do mundo como um caso psychologico *chic*, interessante e quasi *sympathico*.

O portuguez quer que lhe salvem a patria como quer enriquecer — *sem trabalhar*, segundo a sagacissima observação dos [pregoeiros de loteria ; portanto, e por maioria de razão, sem arriscar a pelle em semelhante empreendimento.

Quiz que lhe salvasse a patria o snr. João Franco, mas deixou-o inteiramente abandonado ás investidas da insignificante minoria revolucionaria ; e applaudindo calorosamente esse estadista... por detraz dos seus balcões ou sentado ás secretárias dos escriptorios, nunca sahiu de lá nem para lhe dar o voto, quanto menos para impôr o silencio ás hordas demagogicas que calculadamente queriam impedir o trabalho de regeneração nacional intentado pela politica franquista. Depois, desde que se sentiu esmagado, expoliado e desgraçado pela tyrannia jacobina, o paiz resolveu que seria libertado e salvo por Paiva Couceiro.

Mas, *Paiva Couceiro*... o que queria isto dizer para o paiz?

Era acaso o nome d'um official glorioso, bastante energico e denodado para tomar a iniciativa da reacção e a dirigir, bastante auctorizado de prestigio para merecer a confiança da nação e constituir com alguns camaradas um nucleo de resistencia, bastante apaixonado pela honra e pela felicidade da patria para ser o primeiro a affrontar os perigos da aventura, cujo exito dependeria no entanto do appoio material que immediatamente encontrasse no interior do paiz, exactamente da parte d'aquelles que estavam lá dentro *com o nó na garganta*, soffrendo directamente o despotismo da demagogia e por isso mais interessados que ninguem em o dominar e destruir?

Não. *Paiva Couceiro* era... uma designação imprecisa, d'um ser indefinido, com seu quê de sobrenatural, que havia de entrar um bello dia pela fronteira, acom-

panhado ou sósinho, com um canhão, com uma escopeta ou com um varapau, transpôr como um raio o paiz até Lisboa, destituir a tyrannia, restabelecer o Rei, fazer a felicidade publica — e tudo isto enquanto o bom do portuguez, militar ou paizano, encafudado em casa, tendo cispado as portas e janellas para que lá não chegasse nem o ruido das detonações, estaria tranquillamente manducando as provisões de que se munira abundantemente na tenda proxima... porque havia sempre na conspiração uma sobrinha, uma prima ou uma amiga para avisar dois dias antes do momento preciso em que Couceiro havia de ir salvar a patria e restaurar a Monarchia...

Como porém este processo de derruir a tyrannia resultou improficuo — com grande espanto do bom portuguez, que não vê para o caso outra explicação senão a inhabilidade do chefe militar — começou-se logo a imaginar intra-fronteiras que quem ia agora pôr as coisas a direito era uma entidade mythologica, que nos serões das familias monarchicas se significava por esta formula : *lá fóra*.

Quem era *cá fóra*? *Cá fóra* era o que o leitor quizer. Era St. Jean-de-Luz, era Paris, era Londres, eram os diplomatas da Monarchia, eram os antigos ministros emigrados, eram os militares, era o snr. Homem Christo, eramos todos — e não era ninguem. *Cá fóra* era uma criação do espirito nacional ; mas essa criação conspirava, fazia dinheiro, forjava armas, materializava-se, e uma bella manhã, quando o cidadão portuguez enfiasse a *robe-de-chambre* e viesse deitar o nariz de fóra, a vêr se chovia ou estava sol, deparavam-se-lhe todas as torres empavezadas com a bandeira azul e branca, e todos os republicanos enforcados nos candieiros da vizinhança.

O que fóra? Era *cá fóra* que pela calada da noite, muito amavelmente, tinha feito tudo aquillo. Estava salva a patria e o excellente lusitano não tinha mais do que saltar para o meio da rua aos vivas á Monarchia e ao Rei — sem se esquecer de pesquisar se não havia por ahi escondido algum ultimo republicano, n'alguma

trapeira ou desvão de loja... porque então a esse sim, a esse nem Deus o livrava d'experimentar a sanha terribil d'um portuguez que quer vingar a honra nacional !...

Mas ultimamente, não sei porquê, parece que esmoreceu um tanto a fé nos milagres de *cá de fóra*. E então surgiu este outro orago : *as Potencias* ! O que são, por seu turno, *as Potencias* ? Para o excellente portuguez, indolente e accomodatício, *as Potencias* são umas divindades bemfazejas, cuja preocupação é velar pela prosperidade das outras nações. Onde ha um paiz mal governado, vão *as Potencias*, tiram o governo máu e poem outro bom. Onde ha um povo sem juizo para se dirigir, ou sem energia para derrubar as oligarchias que o tyrannizam, vão *as Potencias*, libertam-no e poem-lhe os seus negocios em dia — tudo isto por amor da Justiça, e por odio ao despotismo e ás discordias civis.

Além d'isso *as Potencias* — que precisamente, segundo a expressão consagrada, *teem os olhos fitos sobre Portugal* — detestam do fundo da sua alma indignada o snr. Estevam de Vasconcellos, o snr. Camacho, o snr. França Borges e o snr. Nunes da Matta. De modo que mais dia, menos dia *as Potencias* chegam lá, botam fóra esses marotos, restabelecem e appoiam a Monarchia, garantem-nos a integridade do dominio colonial, distribuem a cada cidadão portuguez um cartucho de rebuçados, e vão-se embora muito contentes de terem feito a felicidade d'esse paiz tão sympathico...

Assim o sonha o portuguezinho, que pelo menos acha n'esta idiotice um magnifico pretexto para continuar assistindo de braços cruzados — enquanto espera *as Potencias* — ás ultimas degradações e á consummação irremediavel da ruina patria !

Produz-se a intervenção ? Fatalmente se produz, se o paiz á custa das suas proprias forças não destruir um regimen que é inseparavel da mais desenfreada anarchia.

Mas n'esse dia d'opprobrio todos teremos que esten-

der os pulsos á algema dos novos senhores da nossa terra ; e com a escravidão baterá a miseria á porta de todos os portuguezes.

Então, e só então, avaliará cada um quanto se paga caro, moral e materialmente, a imprevidencia, a submissão e a cobardia !...



A sociedade Diz a tradicção que quando as turbas
dansa parisienses tomaram e arrazaram a Bastilha, foi erigida no local da velha e desmantelada prisão do Estado uma taboleta com este letreiro : « Ici l'on danse ». E dansava-se.

Mas quem dansava era a multidão triumphante, a cujas ancias sanguinarias acabavam n'esse mesmo dia de ser immoladas algumas cabeças.

Quem baila em Portugal são os vencidos. Admiremos a soberba altivez da nossa sociedade, que não reconhecendo a Republica affecta ignoral-a, e vae n'essa nobre simulação até ao sacrificio sublime de todo o seu agudo sentimentalismo, fingindo tambem ignorar que as cadeias abarrotam de presos monarchicos de todas as classes sociaes, que o lucto, a miseria e as mais pungentes dôres moraes batem a milhares de portas e que se a Patria não jaz sob a maior das calamidades é porque ameaça cair sobre ella uma outra porventura ainda mais terrivel.

Se a sociedade dansante convencionou que para ella a Republica não existe, como poderiam existir todos os males que da Republica dimanam? Portanto as suas folias e bailaricos não peccam senão por um talvez excessivo requinte de logica e de coherencia politica.

O que não se sabe é como, estando em Lisboa tão pouca gente conhecida, podem succeder casos semelhantes ao d'uma *soirée masquée* de ha pouco dias, aonde tamanha foi a affluencia de mascaras que o dono da casa se viu forçado, por absoluta falta d'espaco, a mandar impedir a entrada de novos foliões.

A não ser que lhe tenham caído lá em casa todos os penitenciarios, n'aquelle *costume* extremamente original e hilariante que elles usam na cadeia...

E a admissão nas salas não lhes seria difficil, pois entre esses *mascarados* de capuz, blusa e sócos ha, ao que parece, alguns parentes da familia.

ANNIBAL SOARES.

